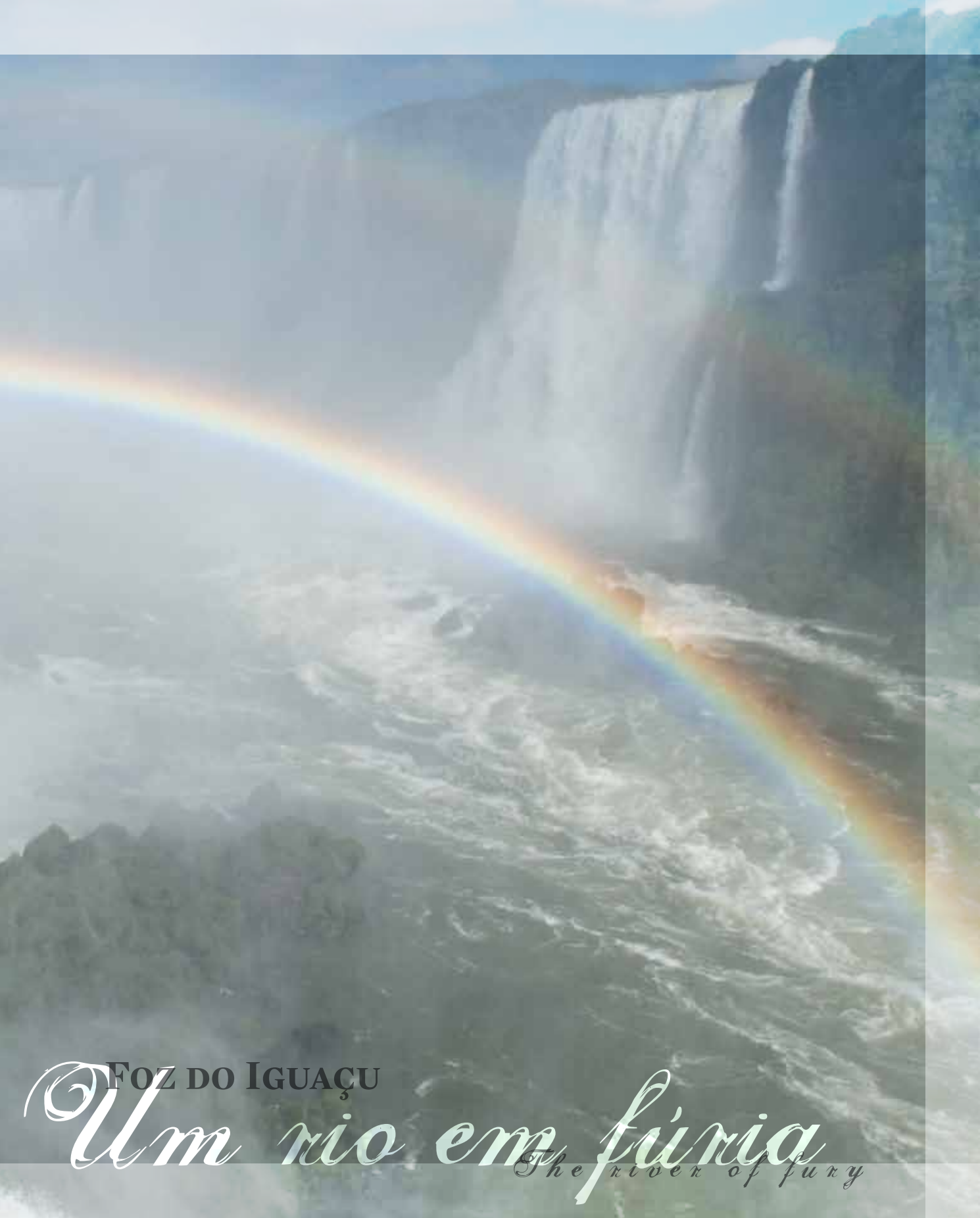




Garganta do Diabo | *The Devil's Throat*

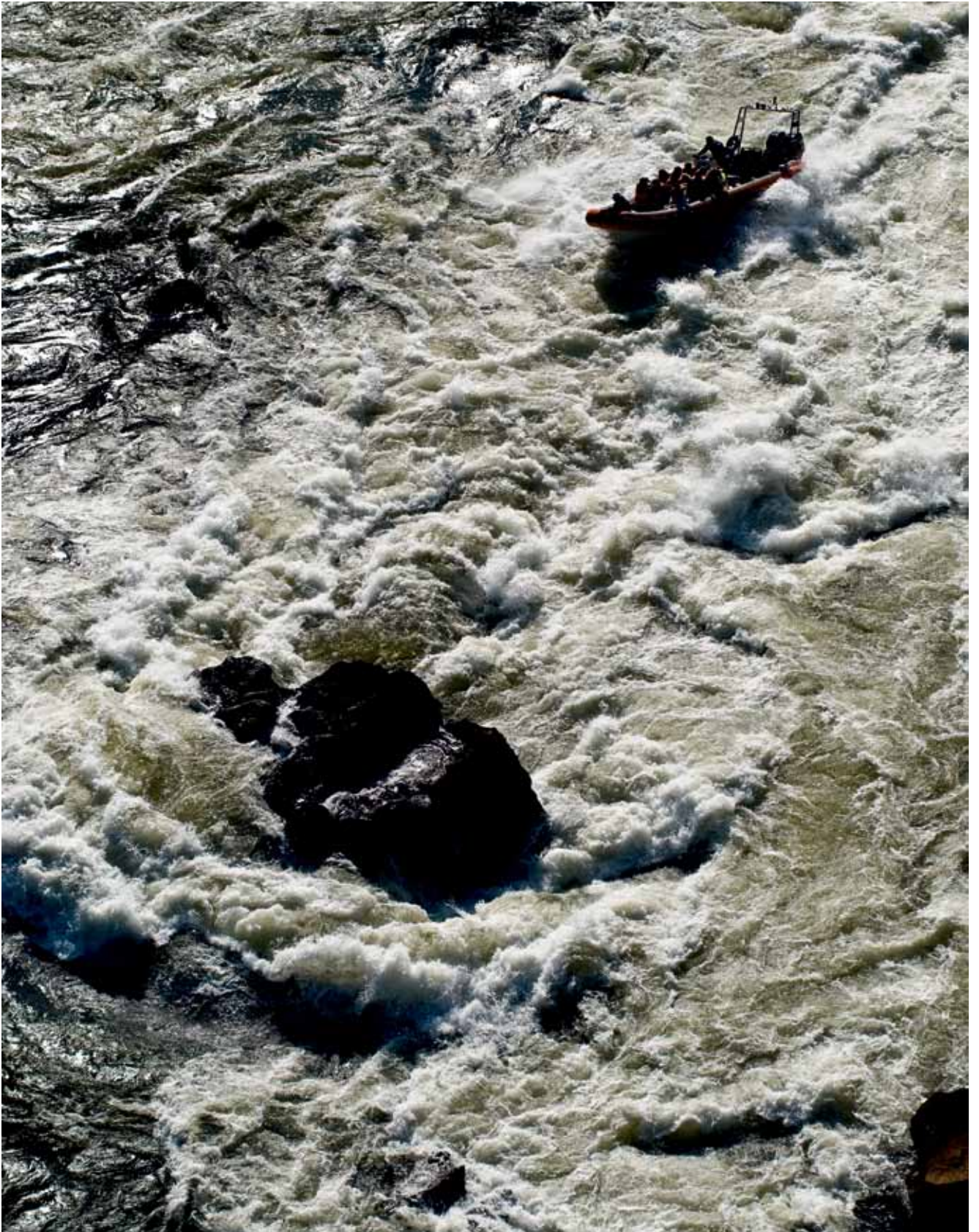


FOZ DO IGUAÇU

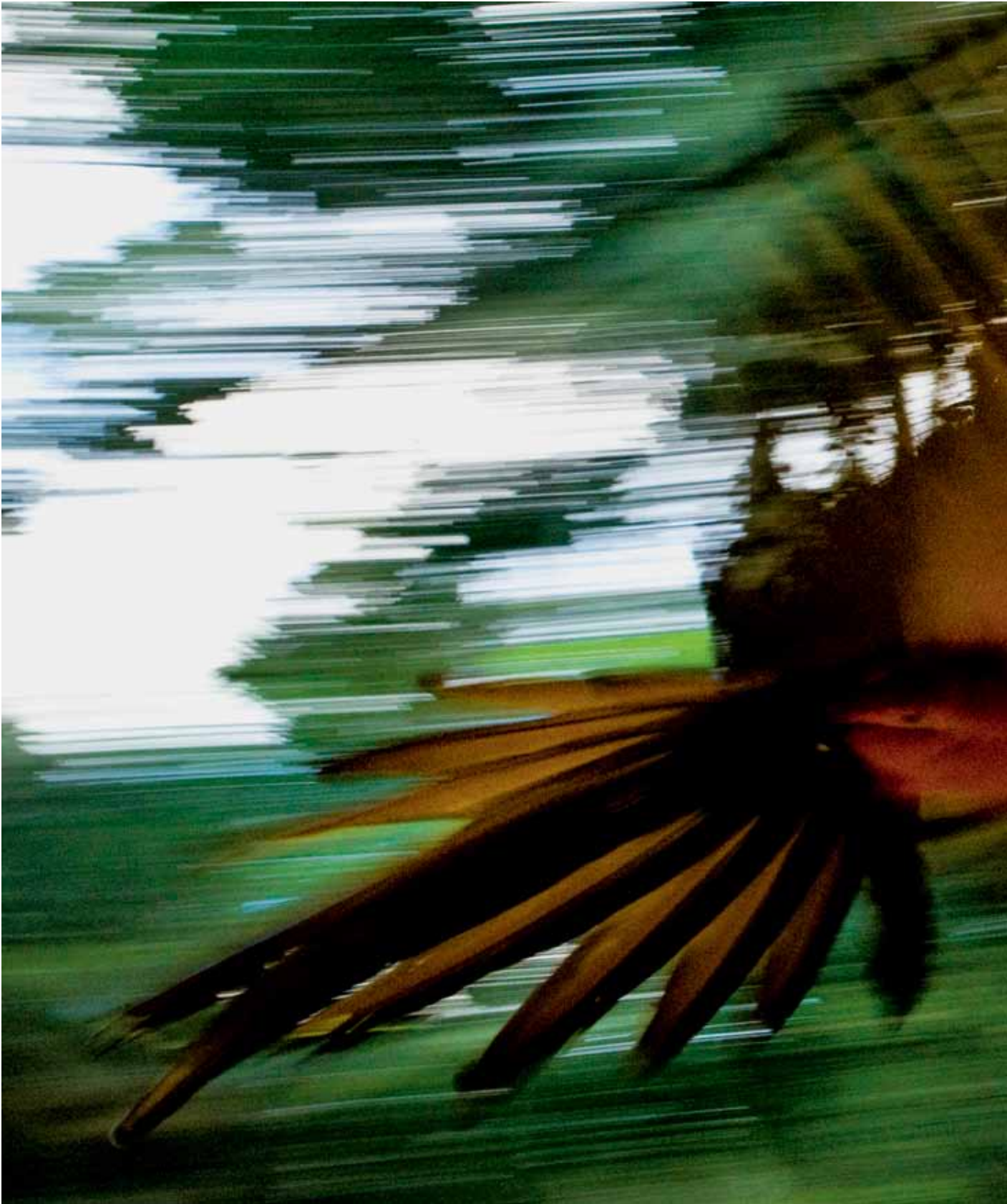
Um rio em fúria
The river of fury



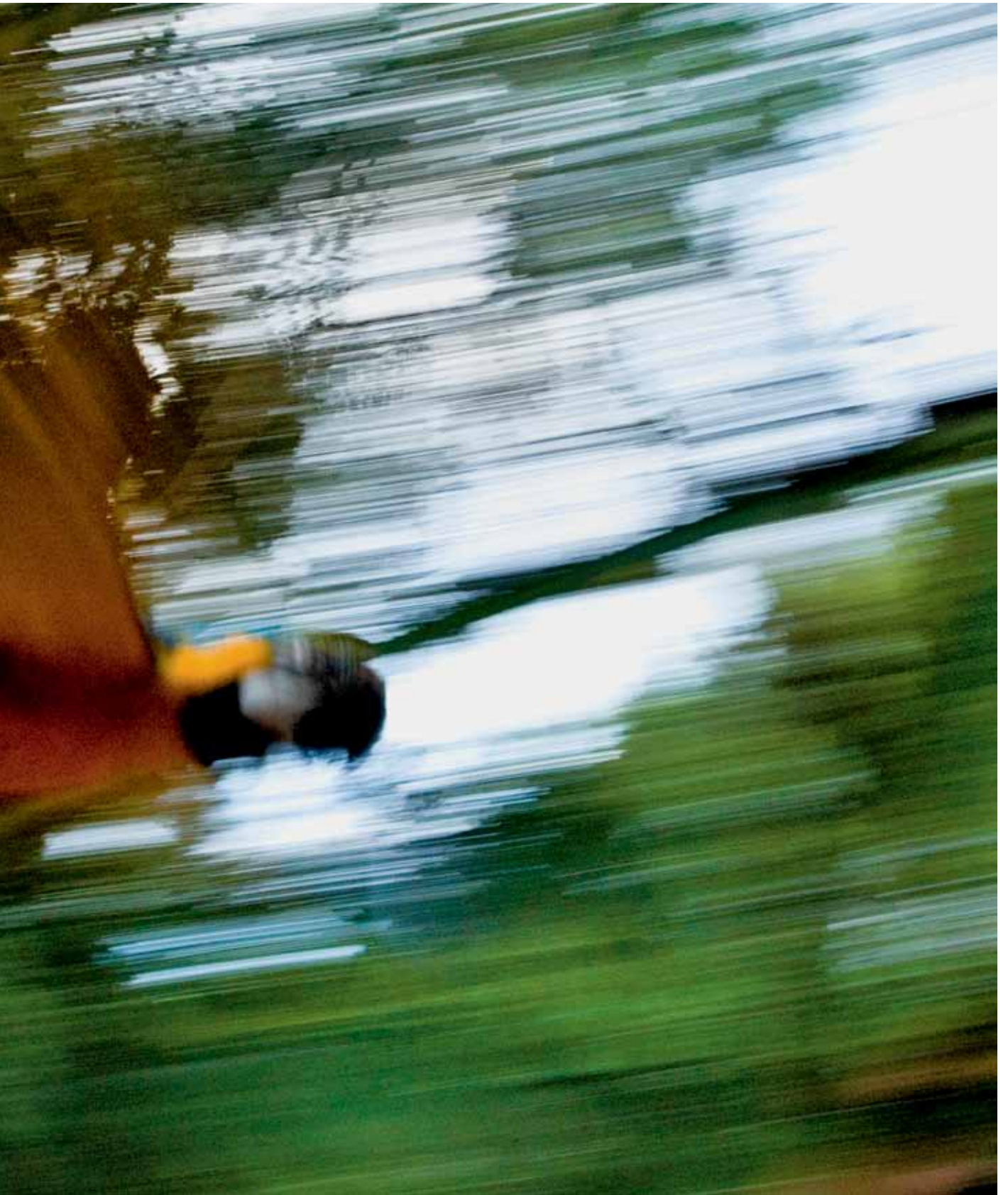
148 Rafting nas corredeiras do Rio Iguazu | Rafting in the rapids of the Iguazu River

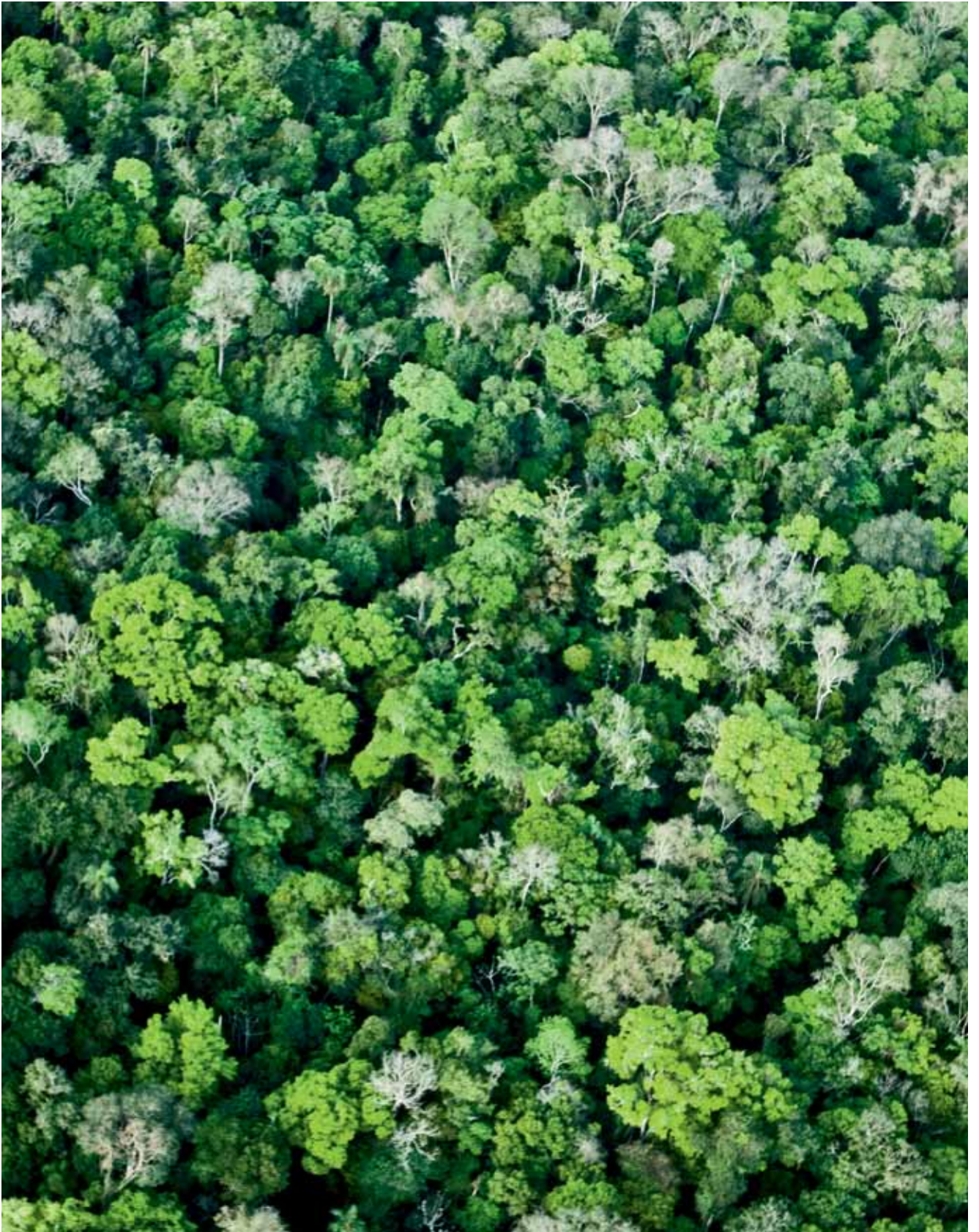


Lancha vence as correntezas do Rio Iguaçu | *Speedboat overcoming the currents of the Iguazu River* 149



150 Arara-canindé (*Ara ararauna*) | Blue-and-yellow macaw





152 Vista aérea da Mata Atlântica | *Aerial view of the Atlantic forest*

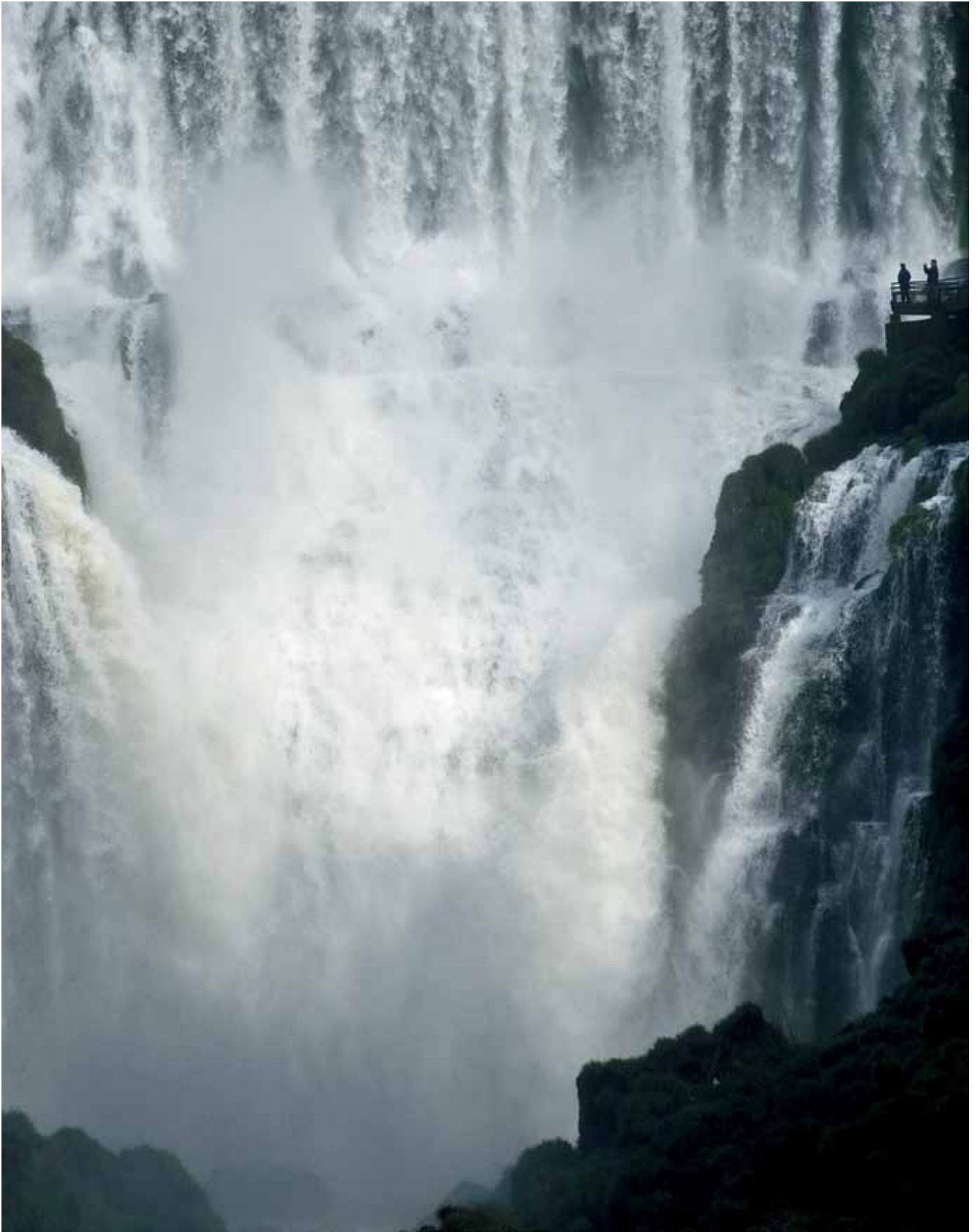




s rios, às vezes, parece até que adivinham o melhor caminho. Só para não morrerem anônimos.

Veja o Iguaçu. O maior rio do Paraná nasce a apenas 60 quilômetros do Atlântico, nas vertentes ocidentais da Serra do Mar, perto de Curitiba, mas prefere correr na direção oposta. Ao invés de buscar o mar, pela via mais curta e lógica, o Iguaçu toma o rumo do oeste, procurando o interior. Viaja 1.300 quilômetros atravessando campos e planaltos, e, como se perseguisse seu destino, já bem perto da foz ele se lança para dentro da grande fenda que os vulcões cavaram há 23 milhões de anos. Grossas e barulhentas, as águas despencam desenhando um arco que tem qualquer coisa de anfiteatro, pronto para a contemplação. E justificam o nome definitivo que os guaranis lhe deram: “Água grande”. Espetáculo de tal magnitude que a então primeira-dama americana Eleanor Roosevelt, quando cá esteve, não viu o que dizer senão “Poor Niagara...”.

Rivers, at times, seem to guess the best path to take. They do it, so that they will not fade in anonymity. See the Iguaçu. The largest river in Paraná rises at just short 60 kilometers from the Atlantic, in the western springs of the Serra do Mar, near Curitiba, but it would rather run the opposite way. Instead of meeting the ocean, following the shortest and most logical way, the Iguaçu River stubbornly brakes west, making way into the countryside. It will travel 1,300 kilometers across fields and high lands and, as if chasing its own destiny, well close to its mouth, will fall right into the stony slit dug by volcanoes some 23 million of years ago. Bulky and utterly loud, its waters plunge as they draw an arch that resembles something of an amphitheater, ready to take in its worshipers. And that, indeed, justifies the definite name the Guaranis dubbed it: “Água Grande” (Great Water). Such overwhelming spectacle, left even the visiting Eleanor Roosevelt, then, first-lady, nearly speechless, wasn’t it for the “Poor Niagara...” she managed to mumble.



Esta imensa arena por onde escorrem as águas do Iguaçu tem 2.700 quilômetros de extensão, dos quais dois terços estão em território argentino. Verdade seja dita: as Cataratas do Iguaçu são mais argentinas que brasileiras, mas a melhor vista do conjunto, visão frontal e magnífica, essa ninguém nos tira. Lugar nenhum é mais perfeito que o solo brasileiro para admirar as infinitas variações de forma e conteúdo que essas quedas podem alcançar ao longo do dia e do ano. Tão infinitas que ninguém sabe ao certo quantas são as cachoeiras; fala-se num número que varia entre 150 e 275 saltos, dependendo da vazão. O Iguaçu, além de atrevido, também é um rio temperamental e imprevisível, sensível às mudanças do clima e ao abre e fecha das cinco hidrelétricas que existem ao longo do seu curso, acima das cataratas. Conforme o movimento das comportas, o volume pode mudar em questão de horas.

Em tempos de seca, a vazão chega a menos de 500 metros cúbicos por segundo, deixando quase nus os paredões de basalto por onde o rio despenca. Na cheia, bate fácil nos 6 mil metros cúbicos, mas já houve casos extremos em que a vazão alcançou insólitos 20 mil metros cúbicos por segundo. Aí é o Iguaçu vertendo água por todas as frestas disponíveis, e com tal força que o vapor que se forma nem sequer deixa ver o céu. Perto da Garganta do Diabo, a maior e mais raivosa das cachoeiras, onde o rio salta com carga máxima, as passarelas de visitação têm de ser inclusive interditadas. Por cima e por baixo,



as águas correm com ares de mar revolto.

Na cheia ou na seca, o Iguaçu depois das cataratas já é um rio diferente. Se pouco antes da grande curva que conduz às cachoeiras ele chega a se espraiair raso e pachorrento, após os saltos torna-se profundo, estreito e veloz, flanqueado pelas paredes íngremes de um cânion que ele mesmo ajudou a cavar. Quando por fim encontra sua desembocadura, 18 quilômetros adiante, tamanha é sua força que o Rio Paraná ainda custa a assimilar de todo suas águas. Por alguns quilômetros, o Iguaçu corre sem se deixar misturar, como se quisesse adiar seu fim.

A primeira notícia que se teve da existência das Cataratas do Iguaçu foi em 1542, quando a expedição liderada pelo conquistador espanhol Álvar Núñez Cabeza de Vaca passou



The humongous arena, onto which the Iguaçu waters carve their way, spans over 2.700 kilometers, from which two-thirds are inside Argentinian borders. The truth be said: the Cataratas do Iguaçu are more Argentinian than they are Brazilian. But the best spot to fully enjoy the awe-inspiring front-row view, that one, indeed, is Brazilian. No other place is as perfect as the Brazilian soil to wonder at the infinite variations of form and content that the falls can assume throughout the day and the year. So infinite, that none can certainly say how many falls there are; some say they can be as many as 150 to 275 falls, depending on the water flow. The Iguaçu, besides being cheeky, can also be moody and unpredictable, sensitive to the changes of

climate and to the rhythm of the waterworks from five hydroelectric power plants scattered along its course, upriver from the cataratas. According to the movement of their floodgates, the volume of water may change drastically in a matter of a few hours.

During eventual draughts, the flow may be less than 500 cubic meters per second, nearly unveiling the basalt walls where the river, then, drips. In flood season, it easily tops 6 thousand cubic meters, but there are accounts of extreme cases when it reached 20 thousand cubic meters per second. It is there and then the Iguaçu gushes water through each and every available nook and cranny, and with such power that the resulting mist will cloud the sky above. Near the Garganta do Diabo – Devil’s Throat –, the biggest and angriest of all of the falls, where the river bombards with its heaviest of loads, the walkway nearby has to be interdicted. Over and under it, the torrent has the likes of a revolting sea.

Be it flood or draught, the Iguaçu past the cataratas is a whole different river, already. If a little short from the great bend that leads to the falls it would even spread flat and lazy, after plunging, it will become deep, narrow and speedy, sided by the steep walls of the canyon it helped carve. When, at the end, it is delivered to its mouth, 18 kilometers further down, so much is its strength that the Paraná River still cannot take in all that water. For a few kilometers, the Iguaçu will run without blending its flow, as if resisting fading in.

por aqui a caminho de Assunção, no Paraguai. Impressionado, ele escreveu: “O rio dá um salto por uns penhascos enormes, e a água golpeia a terra com tanta força que de muito longe se ouve o ruído”. Três séculos depois, precisamente em 1876, o engenheiro André Rebouças lançou, pela primeira vez, uma campanha com a intenção de proteger as quedas, criando um parque nacional nos moldes do pioneiro Yellowstone, nos Estados Unidos. A sugestão foi dada ao próprio Dom Pedro II, alegando-se que o lugar reunia, nas palavras de Rebouças, “toda a gradação possível do belo ao sublime”. Caso o imperador tivesse comprado a ideia na época, teria criado o segundo parque nacional mais antigo do mundo.

A verdade é que, até o final do século 19, este pedaço do Brasil era tão remoto que, para ser alcançado, exigia muitos dias a cavalo em estrada tropeira a partir de Curitiba. Não por acaso, os países vizinhos exerciam influência muito maior que o governo sediado no Rio de Janeiro. E foi por isso que, em 1889, decidiu-se fundar, perto da confluência dos rios Iguaçu e Paraná, a colônia militar de Foz de Iguaçu, que serviria como posto de fronteira. Naquele momento, já centenas de colonos argentinos e paraguaios viviam aqui, explorando erva-mata e madeira. E mesmo algum tempo depois da fundação foi necessário um decreto oficial para tornar obrigatório o uso da língua portuguesa e da moeda nacional na cidade que começava a crescer.

Após a passagem de Cabeza de Vaca, foram quase 380 anos de espera para que as Cataratas

do Iguaçu recebessem nova celebridade mundial (ou algo que se aproximasse disso). E, com ela, o empurrão definitivo que levaria à sua proteção legal. A história é bem conhecida: em 1916, Alberto Santos Dumont visita a fazenda do uruguaio Jesús Val, proprietário de terras que na época alcançavam 1 milhão de hectares, dentro dos quais se incluíam as cataratas. Indignado com o fato de que tal maravilha estivesse em área particular, nas mãos de um homem só, o pai da aviação pede ao governo estadual a imediata desapropriação do terreno. Naquele mesmo ano, mil hectares em torno das quedas são declarados de “utilidade pública”.

Duas décadas depois, em janeiro de 1939, Getúlio Vargas por fim decretou a criação do Parque Nacional do Iguaçu, que nascia já com 156 mil hectares de área protegida. Isso foi um ano e meio depois do surgimento do primeiro parque nacional brasileiro, o de Itatiaia. O acesso, porém, continuaria difícil por ainda mais um bocado de tempo. Só em 1969 é que se completou a rodovia de asfalto ligando Curitiba ao oeste do Paraná, impulsionada não exatamente pelas cataratas, mas pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, cujas obras começaram em 1975.

O Parque Nacional do Iguaçu pode não ter sido o primeiro do Brasil, mas foi um parque pioneiro em muitas coisas. Em 1981, ganhou o primeiro plano de manejo do país. Em 1986, tornou-se, por ação da Unesco, nosso primeiro Patrimônio Natural da Humanidade. E, em 2000,

The first news heard about the very existence of the Cataratas do Iguacu date from 1542, when the expedition led by the Spanish conquistador Álvar Núñez Cabeza de Vaca walked on those lands on his way to Assunção. Impressed, he wrote: “The river jumps over huge cliffs, and the water smashes the ground so hard, the noise can be heard from great distance”. Three centuries later, precisely in 1876, the engineer André Rebouças started, for the first time, a campaign for protecting the falls, by establishing a national park, following the formula of the Yellowstone Park, in the United States. The suggestion was given personally to Dom Pedro II, claiming that the place gathered, to quote Rebouças, “all the possible shades from beautiful to sublime”. Had the Emperor bought the idea at the time, he would have established the second oldest national park in the world.

In fact, until the end of the XIX century, this patch of Brazil was so remote that, in order to get there, it would take many days on horseback following cattle tracks from Curitiba. Not coincidentally, the neighboring countries exerted much greater influence than the government, then located in Rio de Janeiro, did. And because of that, in 1889, it was decided to establish, near the confluence of the Iguacu and Paraná Rivers, the military outpost of Foz de Iguacu, to be used as border checkpoint. At that point, hundreds of Argentinian and Paraguayan settlers lived there cultivating erva-mate and timber. And, even some time after the outpost's establishment, it was

necessary an official decree to make mandatory the use of the Portuguese language and of Brazilian currency during the early days of the town.

After Cabeza de Vaca, it took nearly 380 years waiting for the Cataratas do Iguacu to receive worldly notoriety (or almost that). And with it, get the definite push that would enforce its legal protection. The story is a well-known one: in 1916, Alberto Santos Dumont visits the farm of the Uruguayan landowner Jesús Val, who possessed over a million hectares, within which the cataratas were located. Indignant with the fact that such wonder was within private property, owned by a single man, the father of aviation asks the state government the immediate expropriation. In that same year, one thousand hectares around the falls are declared “public utility”.

Two decades later, in January, 1939, Getúlio Vargas finally decreed the establishment of the Iguacu National Park, with 156 thousand hectares of protected land. That happened one year and a half after the establishment of the first Brazilian National Park, Itatiaia. Access, nevertheless, would continue difficult for some years, still. Only in 1969 is that an asphalt road connected Curitiba to the west of Paraná, built not exactly because of the cataratas, but for the construction on the Hydroelectric Power Plant of Itaipu, whose works started in 1975.

The National Park of Iguacu may not have been the first national park in Brazil, but it was a pioneering park in many ways. In 1981, it was granted the first management plan in the

foi o piloto de uma parceria inédita entre o governo federal e a iniciativa privada, onde se abriu caminho para as concessões, ou seja, a contratação de empresas responsáveis pelos passeios e serviços turísticos dentro da reserva. O resultado disso foi que, em uma década, o número de visitantes praticamente dobrou: em 2010, cerca de 1,2 milhão de pessoas, de mais de 150 nacionalidades diferentes, vieram ver de perto as cataratas.

Atualmente, o parque tem em torno de 185 mil hectares (um pouco maior que a área do município de São Paulo), dos quais apenas 3% estão abertos à visitação pública – precisamente o trecho em torno das cataratas. Todo o resto é uma floresta compacta e virgem, formada por samambaias, orquídeas, bromélias, palmeiros e árvores como pau-d’alho, peroba-rosa, jaracatiá, angico, cabreúva, cedro e canela. Foi o que sobrou da Mata Atlântica que originalmente forrava o oeste paranaense, hoje reduzida a uma mancha verde e solitária que acabou adquirindo status de santuário, lar de cerca de 240 espécies de aves, 50 de mamíferos e um número estimado de mais de 800 espécies de borboletas. A despeito de todos os esforços do Rio Iguaçu em criar as mais impressionantes cataratas do planeta, para os bichos essas águas não fazem a menor diferença. Sua gratidão é com a mata.

country. In 1986, became, by decree of Unesco, our first World Heritage site. And, in 2000, it was the pilot project for an unprecedented partnership between federal government and private initiative, paving the way for concessions, that is, the sourcing of companies responsible for tours and touristic services within the park. The result: in ten years, the number of visitors practically doubled: in 2010, around 1.2 million people, from over 150 different nationalities, came over to see the cataratas.

Currently, the park spreads over around 185 mil hectares (a little larger than the city of São Paulo), of which only 3% are open to public visitation – precisely the area around the cataratas. All the rest is compact virgin forest, formed by ferns, orchids, bromeliads, palm trees and trees such as the pau-d’alho, peroba-rosa, jaracatiá, angico, cabreúva, cedar and cinnamon. It is what is left of the Mata Atlântica – Atlantic Forest – that originally covered the west of Paraná; reduced, nowadays, to a lone green stain, it ended up being granted a sanctuary status, home to 240 bird species, 50 species of mammals and an estimated number of over 800 butterfly species. In spite of all the efforts from the Iguaçu River in creating the most impressive falls in the planet, for the animals that live in the area, such waters are not that big of a deal. Their gratitude is towards nothing else, but the forest itself.

